

Nathalie PETESCH
Université Paris X - Nanterre
França

A TRILOGIA KARAJÁ -
SUA POSIÇÃO INTERMEDIARIA
NO CONTINUUM JÊ-TUPI

Novembro 1987

Como todo elemento atípico, difícil de classificar, a sociedade Karajá -ocupando as margens do meio-Araguaia e particularmente a Ilha do Bananal- foi sempre objeto de curiosidade e perplexidade da parte dos pesquisadores trabalhando entre os grupos étnicos do Brasil central. Cercado por representantes das famílias Jê e Tupi e apresentando varias características inerentes a cada um destes dois conjuntos culturais amazônicos, o grupo Karajá foi finalmente considerado como elemento destacado do tronco Jê-Bororo (o que lingüisticamente nunca foi realmente comprovado) e posteriormente influenciado, ou aculturado por grupos vizinhos Tupi, tal como os Tapirapé.

Nesta comunicação que submetemos à apreciação de Vocês, desejamos propor uma explicação mais atrativa da atipia Karajá, ou seja a hipótese duma posição intermediaria desta sociedade dentro da polaridade ou do continuum Jê - Tupi, sendo esta posição ilustrativa duma possibilidade de transformação estrutural de um modelo polar para outro. Em claro, queremos tentar demonstrar que o caráter híbrido da sociedade Karajá decorre menos da apropriação de elementos alógenos do que do desenrolar dum processo interno.

Exporemos o nosso trabalho em duas partes :

- uma primeira parte, descritiva, apresenta as grandes articulações do pensamento cosmológico e da realidade sociológica Karajá ;

- uma segunda parte, analítica, aprofunda a especificidade Karajá e sua transformação -distanciação ou aproximação- em relação aos dois modelos de referência Jê-Bororo e Tupi.

ESTRUTURA CÔSMICA

Um processo ascensional, cortado por duas cisões de humanidade, constitue a base da formação do cósmo Karajá. A origem da vida humana é subaquática ; parte dos pre-humanos, meio-homem, meio-peixe, subiu na terra tornando-se verdadeiros homens. Viviram lá algum tempo em companhia de heroes transformadores e seres surnaturais que os ajudaram a explorar o novo territorio, até que éstos subissem definitivamente no ceu, acompanhados por uma parte dos humanos, transformando-se em seres meio-homem, meio-deus.

Esta separação primordial determinando no plano cósmico a diferenciação entre três grandes categorias de humanidade :

- Bede rahy mahadu , "povo do fundo das aguas"
- Bede Mahadu inỹ tyhy , "povo da terra, homens verdadeiros"
- Biu mahadu , "povo da chuva"

não ficou como definitiva, necessitando ao contrario a conservação de relações constantes num quadro ritual, a fim de preservar o equilibrio e a permanência desta estrutura.

O movimento ascensional determinando a transformação de seres zoomorfos em homens genuinos, logo em divindades, podia deixar supor a implantação dum esquema cósmico e ontológico evolutivo, duma tripartição hierarquizada, comparável à trilogia Tupi : natureza, cultura, sobrenatural. Mas à primeira vista, os três níveis cósmicos Karajá se apresentam numa relação de oposição assimétrica distinguindo, de maneira curiosa, dum lado os dois elementos extremos, do outro o nivel mediano. De fato, o mundo subaquatico habitado pelo "povo do fundo das aguas" e o mundo celeste ocupado pelo "povo da chuva", embora espacialmente polarizados, apresentam numerosas analogias :

- são dois espaços concebidos como fechados, húmidos a pesar da presença do sol; os dois são a conotação aquática, sendo o ceu chamado biu tehe, "pele da chuva" ;

- os dois hemisferos são o reino da imortalidade, da inatividade e da imutabilidade ; os seus habitantes, antropomorfos e portadores das pinturas e ornamentos corporais Karajá, são representados como pequenos, gordos e sentados em bancos de madeira.

Esta imobilidade é devida aos fenômenos conjugados da exigüidade dos lugares, da surpopulação e da falta de atividade, já que só precisa pedir para ser nutrido. Os alimentos são cozidos e servidos em pequenas porções, constituídos exclusivamente de peixe e de produtos vegetais. A única diferença dietética entre os dois níveis cósmicos diz respeito as plantas cultivadas que os seres aquáticos não conhecem, alimentando-se de frutas e tuberculos salvagens.

- as funções destas duas categorias surnaturais embora diferentes, concorrem na mesma finalidade que é de assegurar a proteção e a continuidade dos elementos constitutivos do mundo natural, especificamente a fauna e a flora. Os seres celestes, ou "povo da chuva", são considerados responsáveis pelo ciclo de reprodução vegetal e são solicitados e agradecidos na ocasião de dois rituais agrícolas realizados antes das plantações e no início das colheitas. Os seres aquáticos, ou "povo do fundo das águas", que reúnem os verdadeiros antepassados, ou Karajá originais, assim como os espíritos dos mortos (1), administram o estoque animal, assegurando a sua reprodução por criação e a regulação de sua utilização pelos humanos terrestres. Eles são requeridos e agradecidos especialmente na ocasião de ritos de pesca e de caça.

- os habitantes dos mundos superior e inferior garantem também juntos a permanência da sociedade Karajá, ao longo do tempo, estando presentes em particular nas diferentes etapas da socialização do indivíduo, momentos chaves da reprodução social. Ao nascimento do primogênito, na ocasião da nubilidadade da moça, ou para o ritual de iniciação do adolescente, as famílias interessadas devem convidar um ou varios representantes de ambos níveis cósmicos a participar dum ciclo cerimonial de cantos, de danças de máscaras e de comensalidade, chamado ijasso, no termo do qual a proteção infra e supra-natural é renovada para as pessoas diretamente interessadas e para a comunidade inteira.

(1) precisaremos adiante quais são as exceções à volta escatológica ao mundo subaquático.

O contato com os habitantes celestes e aquáticos é realizado unicamente pelo xama, cujo espírito pode atravessar as fronteiras cósmicas. A representação terrestre dos seres surnaturais é efetuada pela coletividade masculina, á semelhança da incarnação das entidades tutelares aroe entre os Bororo.

Quando os habitantes dos hemisferos cósmicos descem e sobem na terra a fim de participar mascarados no ritual ijasso, eles modificam seu modo de ser, igualando-se aos humanos terrestres, animando-se e alimentando-se em grandes quantidades. Contudo, este movimento formalizado na dança é estereotipado, executado conforme regras estritas e não deve ser objeto de perturbação alguma (espirro, choque, caída, etc.). De fato, o movimento ligado particularmente à voracidade, é considerado como perigoso por definição, como o demonstra a existência na terra.

Em oposição aos povos da chuva e do fundo das águas, os humanos terrestres, ou ahana mahadu, "povo do espaço aberto", "de fora", como os chamam os dois primeiros grupos, são seres móveis e mortais. Saindo do mundo aquático fechado, o "espaço aberto" apareceu aos antepassados Karajá na forma de imensas praias arenosas beirando o bero hyky, o "grande rio" Araguaia, onde eles podiam correr, lutar, dançar a vontade seis meses por ano durante a seca. Vale acrescentar que o habitat dos Karajá é duplamente aberto, já que essencialmente constituído de savanas, a floresta sendo limitada á uma faixa estreita ao longo dos rios. A terminologia ecológica verifica esta abertura da paisagem ; as extensões savânicas são assimiladas à formações aquáticas, as florestas á ilhas.

O movimento terrestre libertador e fascinante nos primeiros tempos tornou-se rapidamente uma obrigação para os primeiros Karajá a fim de sobreviver neste vasto mundo onde o alimento não era mais fornecido, era necessario moverse, o que determinava certas consequências ; em primeiro lugar, a necessidade, para o homem particularmente, de ficar delgado e lesto durante a sua vida ativa, ao contrario dos habitantes dos níveis inferior e superior, dedicando-se regularmente á práticas de alijamento corporal (vômitos, sangradas por escarificações dos membros) e treinamento físico (corrida, luta, arremesso de armas).

Convem notar a oposição feita no pensamento cosmológico Karajá entre, por um lado, a absorção duma grande quantidade de alimento e sua expulsão, associadas à delgadeza e à mobilidade terrestres, por outro lado, o consumo duma pequena quantidade de alimento e sua retenção, ligadas à grossura e ao estatismo aquáticos e celestes. Dita antítese pode ser equiparada à oposição das características e comportamentos respectivamente masculinos e femininos.

Outra consequência do movimento, a obrigação de entrar em contato com o meio ambiente, de agredir e ser agredido. De maneira lógica, a maioria das entidades maléficas portadoras de doenças e de morte são terrestres. Os mais temíveis, os auni inỹrodu, "monstros antropófagos", de "aparência humana", inỹni, mais não "humanos", inỹ, são pequenos seres pretos e peludíssimos morando nas cavidades rochosas e nos cupinzeiros, longe das aldeias. Eles têm uma hiper-mobilidade, percorrendo a floresta e a savana a procura de carne -mamíferos terrestres e humanos-. O movimento desordenado (grande agitação, corrida por todas partes, arremesso de pedras e paus) destes bede rahy mahadu, "povo da terra inhabitada" é dificilmente controlável, opondo-se ao formalizado na dança dos humanos celestes e aquáticos. Ditos seres maléficos são epitomizados pelo aunikỹ, "grande monstro", que faz ouvir seus grunhidos, de noite às ocultas, no fim do ritual de iniciação masculina. Só uma categoria de xamã tem o poder de incarná-lo com uma máscara de cabaça específica e de alimentá-lo sem correr o risco de ter o fígado devorado. Enterra-se a máscara depois do ritual para livrar a comunidade de todas as doenças e males terrestres. O "povo da terra inhabitada", representativa do excesso de movimento e devorando a humanidade, opõe-se claramente aos habitantes dos mundos aquático e celeste que, por sua parte, na sua forma hierática, a alimentam.

No entanto, os humanos terrestres, "povo do espaço aberto" aceitam dificilmente de livrar-se pela morte desta insegurança e impermanência, de trocar a mobilidade pela imortalidade, um "espaço dinâmico" por um "tempo estático". Ao contrário dos Tupi e a pesar da gênese vertical da humanidade, a morte entre os Karajá não é uma transcendência, uma realização perfeita do indivíduo, uma divinização; mas um retorno às origens, a uma existência

mítica, tal vez tão imperfeita como a existência terrestre. Se o xamã, que é o único a integrar o mundo celeste depois da morte, possui um destino escatológico mais valorizado, não é por tanto divinizado em relação aos outros mortais que regressam ao mundo aquático. Cosmologicamente e ontologicamente falando, a "subida" quase equivale à "descida", a posteridade à ancestralidade, o futuro ao passado. A escatologia Karajá remete aqui à dos Jê-Bororo, ainda que a dinâmica cósmica tenha a verticalidade Tupi. A modo dos Araweté, os Karajá dizem que "estão no meio", mais como ^oprecisaremos adiante, este "meio" é mais um centro do que uma passagem.

No que se refere à morte, os Karajá fazem a distinção relativamente comum entre uma boa morte, autenticada por um funeral completo (primeiro e segundo) e gerando espíritos de mortos, chamados wouresy, cujo movimento é controlável pela oferta de alimento, e uma má morte ocorrida no sangue e não beneficiando de sepultura, criando os uni, espíritos incontroláveis e portadores de doenças, errando na superfície da terra sem esperança de volta ao mundo aquático e associados ao temível "povo da terra inhabitada" acima referida. O interessante é constatar o paralelo realizado com a distinção de destino escatológico entre o guerreiro Karajá e seu homólogo inimigo; o espírito do primeiro caía geralmente na categoria dos uni maléficos e o espírito do segundo (tapirapé, shavente, Kayapo) era considerado como protetor de seu dono e da comunidade em geral. De maneira significativa, após a morte do inimigo, o matador Karajá controlava o espírito dele e seu principio de movimento, tirando um osso do pé. Espírito e trofeu eram trazidos para a aldeia e conservados na unidade matrilocal. No tempo da seca se realizava um ritual específico destinado a alimentar os espíritos dos mortos inimigos em troca de uma proteção contra toda agressão exterior. A morte na sangue estabelece assim para o guerreiro e o inimigo uma passagem invertida entre identidade e alteridade; o primeiro torna-se agressor da comunidade, o segundo, protetor; o primeiro é associado a um inimigo, o segundo a um antepassado. Pensamos no entanto que a morte prévia do inimigo devia diminuir, até aquietar a "raiva" do espírito do guerreiro matado e que este devia alcançar uma ancestralidade mediatizada pela de sua ou suas vítimas recuperadas pela comunidade. Neste caso, unicamente o guerreiro morto sem ter matado virava um inimigo para seu grupo.

Este processo de interiorização do inimigo, portador da alteridade, traduz uma certa heteronomia da sociedade Karajá em relação ao exterior, distinguindo-se da autonomia Jê-Bororo, conseguida numa relação especular com um outro já integrado. Mas, ao contrário dos Tupi, esta dinâmica permanece centrípeta; de fato, alimenta-se o outro, em vez de devorá-lo, para que fique igual a si-mesmo e não para igualá-lo. Voltaremos neste tema posteriormente.

Da análise do sistema cosmológico Karajá, sacamos os elementos seguintes: numa estrutura dimensionada verticalmente e privilegiando a relação com o surnatural, tem uma oposição manifesta entre, por uma parte, as duas versões celeste e aquática do imobilismo e da permanência encarnadas por seres imortais assegurando o bom funcionamento e a proteção dos elementos naturais e sociais, por outra parte, a versão única, embora mais ou menos acentuada, do movimento e da labilidade, representada por predadores mortais ameaçando o equilíbrio da natureza. Contudo, esta oposição assimétrica não pode ser reduzida a um simples dualismo. O nível mediano, que a primeira vista parece dependente dos outros dois, constitui antes o elemento chave do sistema, o qual assegura a unidade e o funcionamento da estrutura, em suma o verdadeiro centro. Meio do edifício cósmico, o nível terrestre reúne e distingue ao mesmo tempo; o caráter antitético dos dois hemisférios, praticamente idênticos, existe unicamente pela mediação deste terceiro elemento e a sua função conservadora só se justifica frente a um movimento que anima. Sob uma aparência diádica, o caráter ternário do sistema predomina. Sob um aspecto verticalmente linear, o edifício cósmico parece gravitar em torno do elemento mediano. O exame do esquema de organização social deve contribuir a esclarecer estas variações geométricas da estrutura reveladas pelo pensamento cosmológico.

DIVISÃO ÉTNICA E ESTRUTURA SOCIAL

Antes de abordar o aspecto social do modelo estrutural Karajá, queremos dar uma atenção rápida à configuração geral da repartição intra-étnica deste povo que, curiosamente, adequa-se ao esquema acima contemplado.

A partir do lugar de saída dos abismos aquáticos do Araguaia, os antepassados Karajá se dispersaram rio acima e rio abaixo e nas margens de alguns dos afluentes do grande rio (Javaé, Tapirapé, Rio das Mortes, Cristalino). Uma tripartição sub-étnica se realizou diferenciando grosso modo no norte os Xambioá, ou iraru mahadu, "povo do rio abaixo", ou "do baixo", no centro os Javaé, ou itua mahadu, "povo do meio", e no sul os Karajá propriamente ditos, ou iboo mahadu, "povo do rio acima", ou "de cima". Como ao nível cósmico, esta repartição intra-étnica de aspecto vertical toma a forma dum dualismo assimétrico, o elemento mediano opoendo e impoendo-se aos dois elementos polares relativamente equivalentes. De fato, para os Karajá propriamente ditos, os Javaé que residem mais no interior da ilha do bananal do que nas margens do rio epônimo se caracterizam por uma existência mais terrestre do que a dos dois outros grupos que vivem de maneira permanente ao longo do Araguaia. Atribue-se aliás aos Javaé uma origem mais subterrânea do que subaquática, até uma descendência dum povo antropófago, meio-homem, meio-jaguar, curiosamente próximo da "povo da terra inhabitada" acima referido. Usa-se geralmente o termo de ixyju, designando os índios do interflúvio, comedores de animais terrestres, distinguindo-se dos iny, "humanos", piscívoros. Os xambioá, ixybiowa, ao contrario, são considerados como o "povo irmão" do bero hyky, "grande rio".

Entre os Karajá de cima e os de baixo, os Javaé, á semelhança dos habitantes terrestres do edificio cósmico, possuem uma posição etnicamente central, até dominante. De fato, este povo mediano é considerado pelos outros dois como o detentor do xamanismo mais eficaz e temível. Devido a sua essencia terrestre, os Javaé são ditos mais aptos do que os Karajá do rio a controlar e manipular as entidades também terrestres, portadoras de doenças e morte. Dentro do grupo étnico, o que se refere á doença gravita em torno dos Javaé -origem da feitiçaria, lugar do tratamento, formação do xamã-.

Aliás, o xamanismo é antes de tudo considerado como o poder de controlar o movimento, movimento que caracteriza, como já o vimos, o elemento terrestre no edificio cósmico. O xamã é o mestre

do vento que ele pode, com seus instrumentos, ou repelir -elementos atmosféricos, forças maléficas-, ou jogar no corpo de sua vítima, de maneira geralmente materializada por uma flecha miniatura. O vento participa também da terapia xamanística sob forma de fumaças de tabaco projetadas no corpo da paciente. Enfim, já sabemos que o xamã é o ser mais móvel da criação ; graças a seu espírito alado, alarga seu espaço à totalidade cósmica, assegurando a ligação entre os três mundos separados.

Constatamos então a similitude entre a trilogia étnico - territorial e o edifício cósmico, constando os dois dum elemento mediano a caráter terrestre particularmente móvel e à função mediadora e central. Neste sistema de englobamento de um nível estrutural em outro, chegamos agora ao plano sociológico.

Examinemos primeiro a planta tradicional da aldeia Karajá (fig. 1 p. 19) que constitui uma representação simbólico-espacial perfeita do modelo ideológico. Ao contrario da maioria dos grupos Jê-Bororo, a casa dos homens não é o centro de um esquema circular, mas opõe-se de maneira diametral à linha reta das unidades uxori-locais na sua altura mediana. No entanto, o aspecto triangular desta figura à polarização assimétrica remete facilmente à representação teórica feita por Cl. Levi-Strauss dum dualismo concêntrico projetado numa reta, a fim de demonstrar o caráter fundamentalmente ternario deste dualismo (1958 : 167-168). Constatamos assim que o ponto mediano da triade estrutural Karajá pode ser considerado como um centro, o qual, por sua oposição aos outros dois pontos, cristaliza a expressão dualista das representações dualistas, sob forma de pares antitéticas como : grupos patri-lineares - unidades uxori-locais ; humanos celestes e aquáticos - humanos terrestres ; mortos - vivos, etc.

Não obstante, ao nível funcional, a assimetria domina ; o espaço das unidades domésticas é também submetido à uma divisão ternaria entre "grupo de cima", "grupo do meio" e "grupo de baixo". A exemplo dos níveis cósmico e territorial, a distinção e a separação entre os três elementos da trilogia são ideologicamente básicas, já que antigamente a endogamia destes grupos era praticada ou pelo menos favorecida. Esta endogamia subsiste hoje com um

aspecto isogâmico, especialmente para os últimos representantes do "grupo do meio" cuja transmissão hereditária do saber político e religioso é a mais importante. À exceção da transmissão do cargo político afirmado como sendo patrilateral, a indiferenciação da filiação predomina entre os Karajá (o nome, por exemplo, transmite-se dos avós bilaterais aos netos). Todavia, dentro da polaridade sexual do espaço comunitário a bilateralidade pode ser matizada; na triade doméstica das unidades uxori-locais, a filiação apresenta uma dominância matrilateral, a qual torna-se patrilateral no seio da triade cerimonial masculina.

De fato, a tripartição do espaço doméstico feminino tem sua reprodução no espaço público masculino, particularmente na ocasião do ritual de iniciação dos rapazes. Em paralelo e concordância com a linha das unidades uxori-locais, são erigidas na praça pública três estruturas de madeira e palmas de buriti: uma "casa grande" (heto hykỹ) situada no sul (rio acima) e onde fica o fogo do "grupo dos homens de cima" (iboo ijoi), uma "casa pequena" (heto riore), localizada no norte (rio abaixo), onde está instalado o fogo do "grupo dos homens de baixo" (iraru ijoi), e uma galeria cônica (hererawu) ligando as duas outras estruturas e onde se encontra o fogo do "grupo dos homens do meio" (itua ijoi) (fig. p. 19). Convém notar nesta materialização espacial da tripartição estrutural a representação simbólica da união das duas polaridades assimétricas pelo elemento mediano.

Assistindo em 1986 a um ritual de iniciação, fomos informados da existência duma subdivisão binária dos três grupos, sob forma de seis elementos com afiliação zoológica tal que podia admitir sua polarização teórica em duas metades cerimoniais este-oeste, inscrevendo-se logicamente na diametralidade do esquema estrutural determinado pelo eixo norte-sul. Estas formações que não são mais representadas, mas unicamente nomeadas pelo chefe cerimonial durante o ritual, lembram os grupos da praça Timbira e os wuran, sociedades masculinas Tapirapé. (Cf. fig. 3 p. 20).

Na mesma figura, podemos observar que é o eixo horizontal que faz aparecer a tripartição, operando na dimensão vertical da estrutura a oposição cima-baixo pela mediação dum elemento central. De fato, este eixo reúne todos os meios dos espaços doméstico e público ocupados ou podendo ser ocupados pelas duas categorias do "grupo do meio", chefes políticos e chefes religiosos.

Ja abordámos rapidamente a função mediadora do líder religioso ou xamã ao nível cósmico ; comparemos agora os dois tipos de liderança e a centralidade de suas posições respectivas no modelo estrutural. A função tradicional de chefe político hoje desaparecida entre os Karajá apresentava características originais. Desde o seu nascimento, o filho homem destinado a suceder a seu pai ou avô ficava enclaustrado na sua casa maternal até o casamento e submetido à uma formação específica. Só saia para ir na casa dos homens ou visitar outra comunidade, carregado nos ombros, ao som de instrumentos de vento e escoltado por uma grande parte da aldeia. Casava com moça da mesma "classe", igualmente enclaustrada até o casamento. Submisso à interdição de usar armas e de expor-se aos perigos inerentes à existência terrestre, o líder político não podia praticar nenhuma atividade económica, ainda menos guerrear, durante toda a vida. Tinha um papel de direção das atividades comunitarias e de mediação nas dissensões e conflitos intra ou inter-comunitarios e inter ou intra-étnicos. Protegida num espaço fechado contra as agressões terrestres, a liderança política era assim capaz de assegurar á través do tempo a proteção da sociedade contra certos perigos internos e externos resultando do excesso de movimento (conflitos). Sua imobilidade "imortalizada" num banco de madeira onde ele costumava sentar, sua economia de espaço em favor de uma extensão temporal, remetem á humanidade celeste e aquática, da qual o chefe político parece ser a representação terrestre, como instituição permanente. De natureza oposta mas de função similar, o chefe religioso, ou xamã, constitue a segunda categoria do "grupo do meio". Ja vimos de que maneira, ou seja, não com um estatismo sossegador mas com um movimento animador, o xamã desempenha também o papel essencial de mediação e união, ao nível cósmico, preservando do mesmo modo a continuidade social. Suas viagens cósmicas possibilitam o restabelecimento da comunicação interrompida nos tempos míticos, assim como a união original da humanidade Karajá a través dos rituais, particularmente o ritual ijasso. A cada categoria cosmológica corresponde uma especialização xamanística operando em rituais distintos e comportando mais ou menos perigo e prestígio. Os responsáveis da comunicação com o

"povo da terra inhabitada", como o temível "grande monstro", acima contemplado, são os mais expostos e famados. Pouco numerosos só atingem esta função no final da vida, porque a carga espiritual que ela representa torna-os incapazes de pescar e caçar, ou seja de ser economicamente ativos. Geralmente, a organização e a direção dos rituais aos quais são convidados e alimentados representantes de outras categorias cósmicas são confiadas aos xamãs experimentados e idosos, sendo que qualquer erro no desenrolar da cerimonia ocasiona graves conseqüências para a comunidade.

Constatamos que o exâme dos cargos político e religioso confirma a relação de inversão operada pelo pensamento cosmológico Karajá entre as noções de espaço e de tempo. Se a função religiosa dispõe dum espaço cósmico, só se realiza plenamente durante a velhice, um curto lapso de tempo ; ao inverso, a função política, limitada espacialmente, é desempenhada logo na adolescência, o rapaz enclaustrado sendo autorizado a tomar decisões de interês geral, que eram transmitidas por seu ascendente paternal na assembleia comunitaria. Obviamente, os dois tipos de liderança, política e xamanística, reproduzem ao nível sociológico a oposição cosmológica entre, respectivamente, o "povo da chuva e do fundo das aguas" estáticos e imortais, e o "povo do espaço aberto", móveis e mortais, com a persistência da complementaridade de natureza e de função : o líder religioso, dono do espaço, é o animador do mundo cósmico ; o líder político, dono do tempo, é o pacificador do mundo social. A reunião dos dois principios cósmicos antitéticos , estatismo - movimento, dentro do elemento mediano da estrutura social pode extranhar ; no entanto convem observar que o poder^{exercido} sobre estes dois principios resulta na mesma finalidade, que é a continuidade social ; aliás, numa estrutura onde o elemento mediano-central desempenha um papel tão decisivo, o "poder" so pode estar colocado no centro.

Quais são os outros dois elementos da trilogia social, ao mesmo tempo unidos e distinguidos pelo ponto mediano. Se o "grupo do meio" garante o bom funcionamento dos macro e micro-cósmos, o "grupo de cima" e o "grupo de baixo" devem logicamente perturbar este funcionamento pelo movimento. Às lideranças política e xamanística opõem-se assim o guerreiro e o predador (pescador-caçador).

Pela ação agressiva no meio terrestre, guerreiro e predador estão colocados no mesmo plano ; as expressões "pescar o pirarucu", "caçar o veado ou o porco selvagem" e "atacar o inimigo" possuem o mesmo radical "ohote," designando a borduna usada nos três casos. Aliás, nos dois tipos de atividades econômica e guerreira, tira-se um elemento do exterior a fim de conservar o equilíbrio energético da sociedade, que seja na sua forma física ou espiritual. Nos dois casos também, esta apropriação requer a obrigação duma retribuição em alimentos cozidos, para os antepassados e espíritos dos mortos Karajá, se a predação é realizada no estoque animal, para os espíritos dos mortos inimigos, se a predação é efetuada no estoque humano. Vimos anteriormente que ambas categorias espirituais eram consideradas como protetoras da comunidade.

Todavía, no que diz respeito ao estatuto social, predador e guerreiro se diferenciam, o prestígio do segundo sendo maior. As marcas das suas façanhas exibidas no peito eram mais visíveis do que as escarificações nos membros inferiores e superiores do predador e quase tão ostensíveis do que a tatuagem facial do líder político. Aliás, a aquisição e possessão de espíritos de mortos inimigos, protetores da comunidade, conferiam ao guerreiro um estatuto próximo do do "grupo do meio" mediadores. Enfim, o guerreiro podia chegar à liderança - liderança militar, visto que a chefia hereditária não podia exercer uma atividade belicosa. Contudo, a amalgama entre os dois tipos de lideranças não pode ser realizada, devido ao caráter agressivo e letal do guerreiro. A distinção entre guerreiro e predador revela-se de caráter mais hierárquico do que antagonista e nisso pode ser equiparada à polaridade cósmica, "povo da chuva", divindades - "povo do fundo das águas", antepassados.

Agora, para o modelo estrutural ser completo, esta distinção guerreiro-predador ha de aplicar-se á polaridade social expressa pelos dois grupos de cima e de baixo. Faz tempo que a guerra desapareceu entre os Karajá e esta sociedade indígena sofreu importantes modificações institucionais. Na base de dados colhidos durante o ritual de iniciação, única ocasião em que a trilogia social ainda opera, somos inclinados a pensar que uma especialização guerreira

diferenciava os "homens de cima" dos "homens de baixo". A aquisição e a repartição do alimento durante este ritual são significativas. Uma competição de pesca e caça é organizada entre ambos grupos para o fornecimento da carne. Os "homens de baixo" considerados como os melhores pescadores e caçadores devem trazer mais presas do que os "homens de cima". Na distribuição realizada pelos "homens do meio", a parte mais rica (dianteira e entranhas) do animal (caça grande ou pirarucu) é reservada aos "homens de cima", os "mais fortes", a parte menos rica, ou traseira, é dada aos "homens de baixo", os "mais rápidos". Aliás, nos ataques outrora realizados contra o inimigo, os homens de cima formavam a vanguarda e a retaguarda, partes mais expostas nas formações guerreiras.

VERTICALIDADE E CENTRALIDADE DO ESQUEMA ESTRUTURAL.

Não chegaremos a falar de sistema de tripartição funcional, cuja relevância entre os Indo-europeus foi constatada pelo G. Dumézil, mas não podemos negar a dominância do esquema triádico no modelo Karajá, a pesar da persistência duma superestrutura ideológica binária. De fato, o modelo Karajá nos revela a possibilidade para o triadismo inerente ao dualismo de introduzir uma dimensão e um dinamismo novos dentro do modelo diádico, podendo ocasionar sua transformação.

A projeção dum dualismo concêntrico numa linha reta, como é ilustrado pela planta da aldeia Karajá, não fica reduzida a um simples jogo geométrico, uma oscilação entre formas binárias e ternárias, simétricas e assimétricas, mas determina certas consequências nos planos estrutural e simbólico. A transformação dum círculo numa reta continua significa essencialmente a abertura da estrutura e a exteriorização do seu centro. Como o constatamos anteriormente, a oposição concêntrica, círculo - ponto central, torna-se diametral, linha reta - ponto exterior, preservando a dimensão horizontal da estrutura seguindo o eixo este - oeste, alicerces das pares ideológicas (homem - mulher, aldeia - floresta, natureza - cultura). Mas a nova linha doméstica, seguindo o curso do rio na sua direção sul - norte e reproduzida na sua divisão tripartite, cima - meio - baixo, nos planos social (espaço público

masculino) e cósmico, introduz uma outra dimensão, um movimento para o exterior, uma verticalização. Queremos destacar aqui o papel relevante, tal vez determinante, do eixo aquático Araguaia, orientado verticalmente (sul -norte) na transformação estrutural Karajá ; deve ter constituído um elemento de atração no processo de abertura do esquema. Mais do que um eixo geográfico determinando a repartição intra-étnica, ele é o principal eixo estrutural na organização dos macro e microcósmos Karajá. O movimento centrífugo à orientação vertical, ocasionado pela abertura do círculo, rompe este "encerramento" da sociedade sobre si-mesma, este "encerramento" permanente imposto pela circularidade espacial, esta diametralidade estática própria aos modelos Jê-Bororo.

Constatamos nas páginas precedentes a importância da dimensão vertical na estrutura e na dinâmica cósmico-social Karajá. É ao longo deste eixo de "estratificação" que deve ser mantido uma rede relacional permanente, destinado a preservar o equilíbrio e a continuidade do sistema. São de fato as relações verticais entre os diferentes níveis cósmicos que mediatizam as relações horizontais natureza - cultura (obtenção de alimentos, proteção contra os espíritos maléficos). As chefias política e religiosa são os principais operadores desta dinâmica vertical, que constitui sem dúvida alguma a razão de ser essencial destas duas funções, nos níveis respetivamente social e cósmico.

Devido à verticalidade do sistema, varios movimentos realizados no quadro doméstico ou ritual, do simples deslocamento duma extremidade a outra da aldeia à passagem cíclica dos representantes dos mundos aquático e celeste para o mundo terrestre. Citemos também, entre outros exemplos, a subida do xamã Javaé numa escada improvisa, a fim de receber as sementes oferecidas pelo "povo da chuva" na ocasião do ritual agrícola precedendo as plantações no início das chuvas ; da mesma forma, a necessidade para as crianças e os rapazes até a iniciação, de submeter-se a um "esticamento" para cima feito pelos ijasso, visando a favorecer o crescimento.

Se a dimensão vertical associada à tripartição estrutural parece privilegiada no medelo Karajá, convem todavia não esquecer o aspecto horizontal do sistema mantido pelo dualismo diametralo-

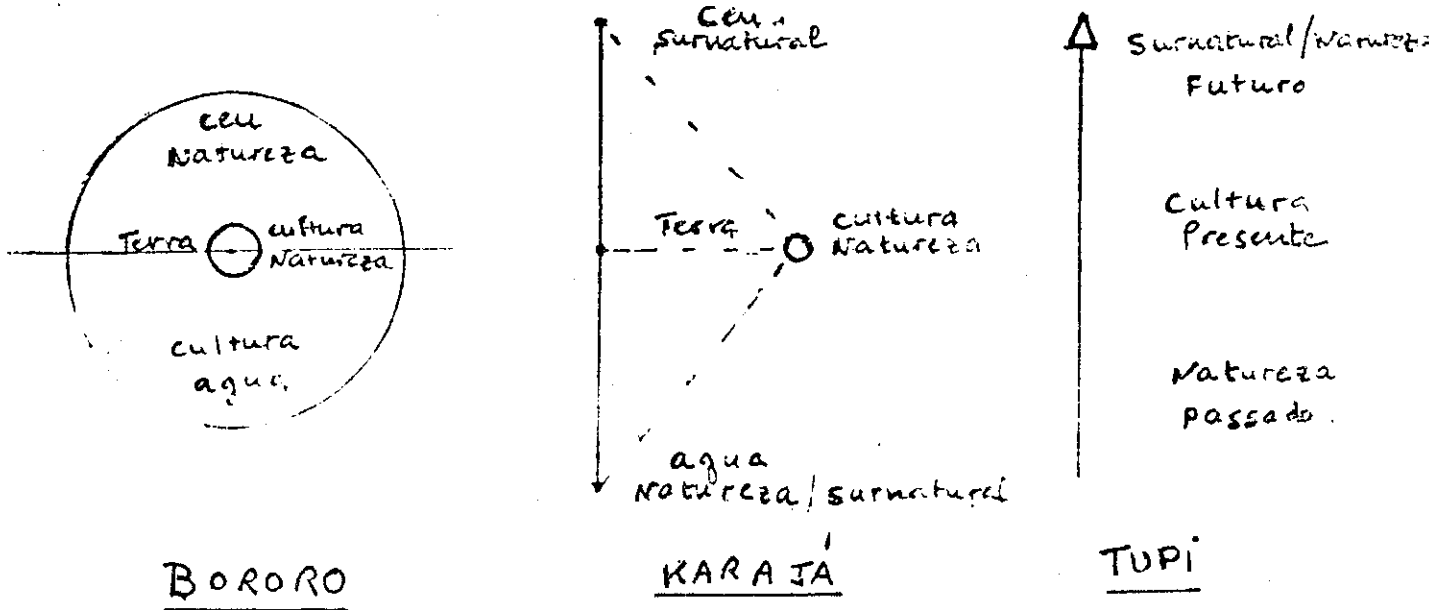
concêntrico, o qual é materializado pela oposição entre a linha das unidades uxori-locais e o ponto da casa dos homens. Podíamos pensar que a exteriorização do ponto central determinaria uma diminuição relevante, até mesmo uma dissolução da sua força de atração. Não é (ainda) o caso no modelo Karajá e verificamos anteriormente o papel ativo desempenhado por este elemento estrutural. Alternativamente um dos dois polos da diade assimétrica ou o nível mediano do esquema triádico, ele cumula as funções de centro e de meio do sistema. Sua posição no meio do eixo vertical é determinante; ela rempe a continuidade da reta, seu movimento para fora, estabelecendo a distinção e a oposição entre as duas extremidades e, ao mesmo tempo, sua mediação e união. Esta oscilação do ponto central da estrutura entre uma posição radial e uma posição linear preserva sua força atrativa numa ação centrípeta suficiente para contrabalançar a verticalidade centrífuga do sistema.

Esta oposição binária criada num eixo vertical pela mediação dum terceiro elemento não pode equiparar-se a um dualismo diametral, simétrico e estático. Assim como o constatamos, a relação antitética é realmente operante entre, por uma parte, o ponto mediano, por outra parte, os dois polos; cuja assimetria tornar-se-ia hierarquiária se o elemento central não os mantinha numa relação diádica. Tanto no plano cósmico como social, os elementos superiores e inferiores da triade se distinguem por uma acentuação de natureza mas estão colocados numa relação de inversão em relação ao elemento mediano. É a força atrativa deste ponto central que bloqueia o movimento de distância das duas extremidades, atenuando no plano cosmológico em particular a diferenciação entre um estado aquático infra-humano e um estado celeste supra-humano, tal como estava inscrito na gênese da humanidade Karajá. É porque o homem situa-se no centro do modelo estrutural que o antropocentrismo restringe toda forma de transcendência aos níveis cosmológico e ontológico e só acorda, ao xamã unicamente, uma pálida divinização no seio do mundo celeste. É na terra que a humanidade atinge o seu máximo de crescimento; ela possui o espaço e o movimento, a pesar de ter perdido a imortalidade. A uma divinização cósmica enfreada, corresponde uma hierarquização fetal da triade social.

Deve-se também à esta força centrípeta do sistema as formas de interiorização social do inimigo e de identificação do "outro" a "si-mesmo" contempladas anteriormente. Ontologicamente falando, a filosofia Karajá é mais um "voltar a si" do que um "devenir outro", um "regressar" as origens aquáticas do que um "devenir" celeste, um movimento circular do que uma hiperbole. Todavía, não podemos deixar de sentir que no percurso ascensional e individual do xamã entre um passado mítico aquático, uma passagem terrestre e um futuro escatológico celeste, existe o esboço desta "auto-superação" que caracteriza toda a filosofia Tupi.

É sem dúvida a conservação dum centro único derivado do esquema concêntrico Jê-Bororo que permite à sociedade Karajá limitar o movimento centrífuga de sua estrutura aberta, o "sair de si" e a heteronomia Tupi ligados ao pluricentrismo. Aqui também, a tendência para o modelo Tupi pode ser observada numa certa dilatação do centro Karajá simbolizada nos três espaços rituais funcionando durante o ritual de iniciação e dos ijasso.

Forma intermediária entre dois esquemas estruturais opostos, duas dinâmicas antagonistas, o modelo Karajá deixa acreditar na sua ligação, ou seja a existência duma continuidade, duma lógica de transformação entre as estruturas Jê^{Bororo} e Tupi, como o resumimos nos esquemas seguintes em forma de conclusão :



BORORO

KARAJA

TUPI

estrutura fechada	:	abertura da estrutura	:	estrutura aberta
dualismo estático	:	dualismo triádico	:	triadismo evolutivo
interioridade	:	equilíbrio das forças	:	exterioridade
autonomia	:	centrípeta-centrífuga	:	heteronomia
centro único	:	centro dilatado	:	pluricentrismo
ponto de equilíbrio	:	meio que une e divide	:	meio - passagem
da polaridade	:		:	etapa intermediária
	:		:	do processo evolutivo
dimensão horizontal	:	bidimensão, aprofunda-	:	dimensão vertical
extensão espacial E/O	:	mento cosmológico	:	profundidade temporal
ontologia especular	:	hetero-referência e	:	ontologia transcendental
	:	transcendência	:	ambivalente (divinização-
	:	limitadas	:	animalidade)

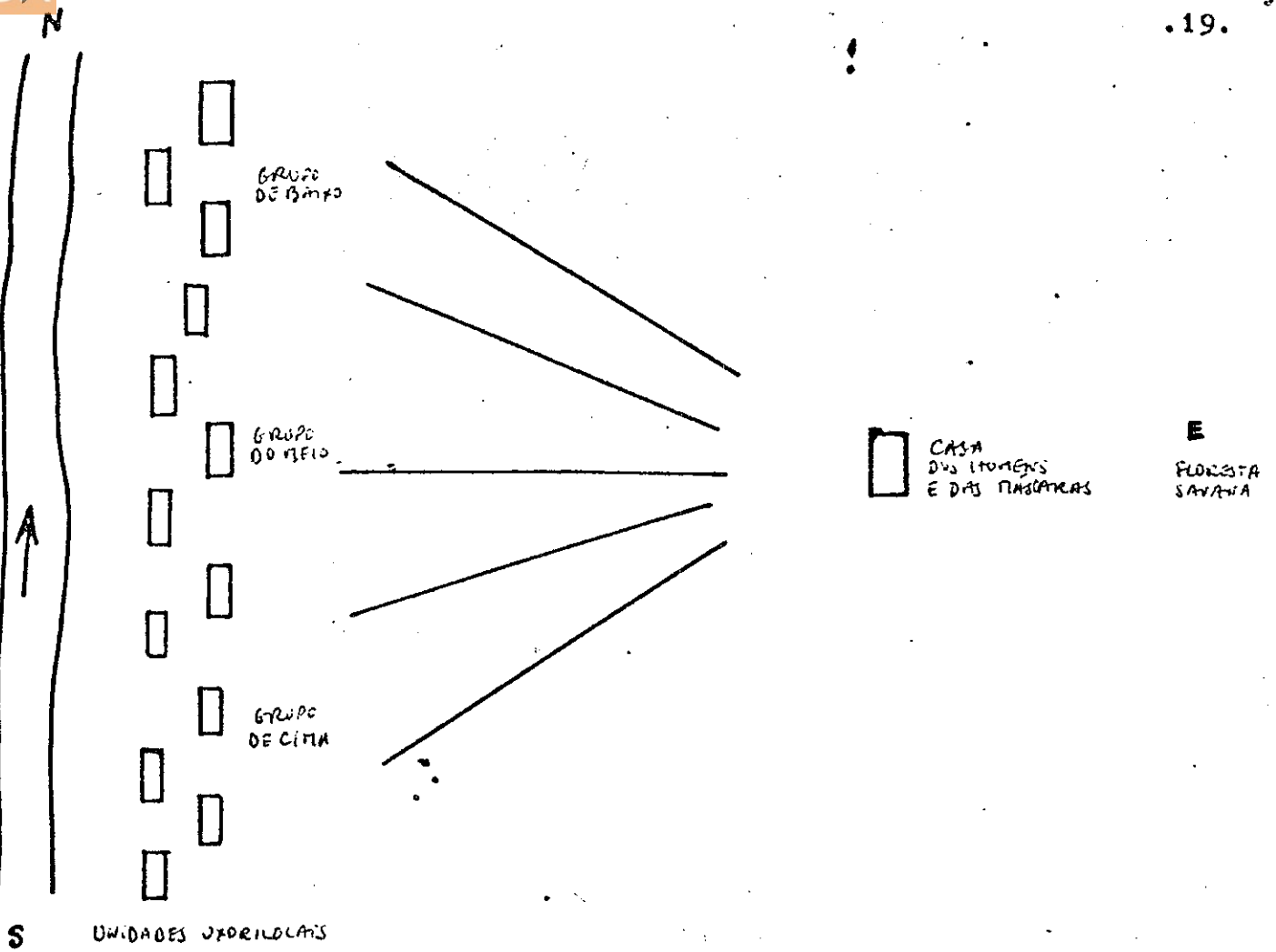


FIG. 1 - Planta da aldeia tradicional Karajá.

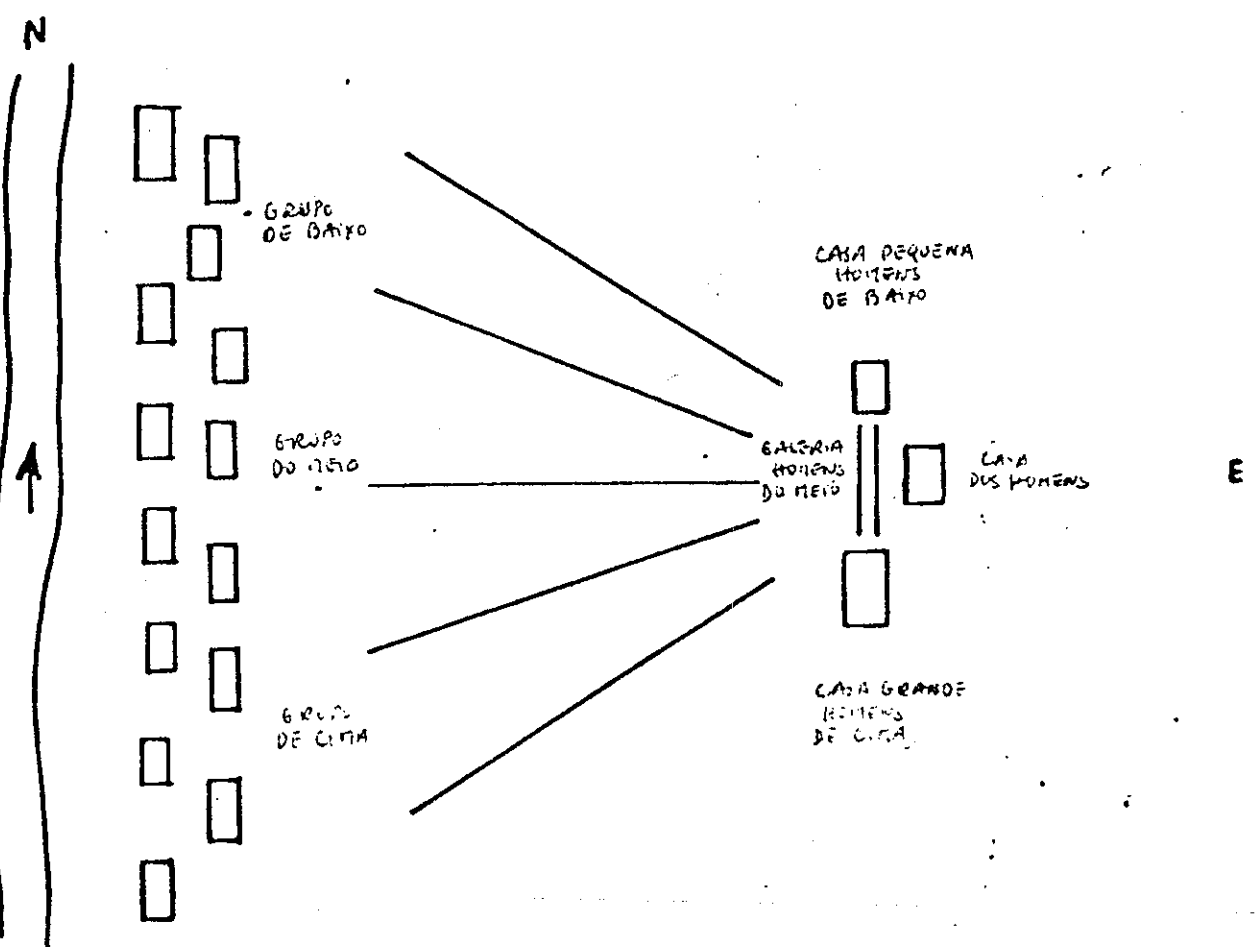


FIG.2 - Planta da aldeia Karajá durante o ritual de iniciação masculina.

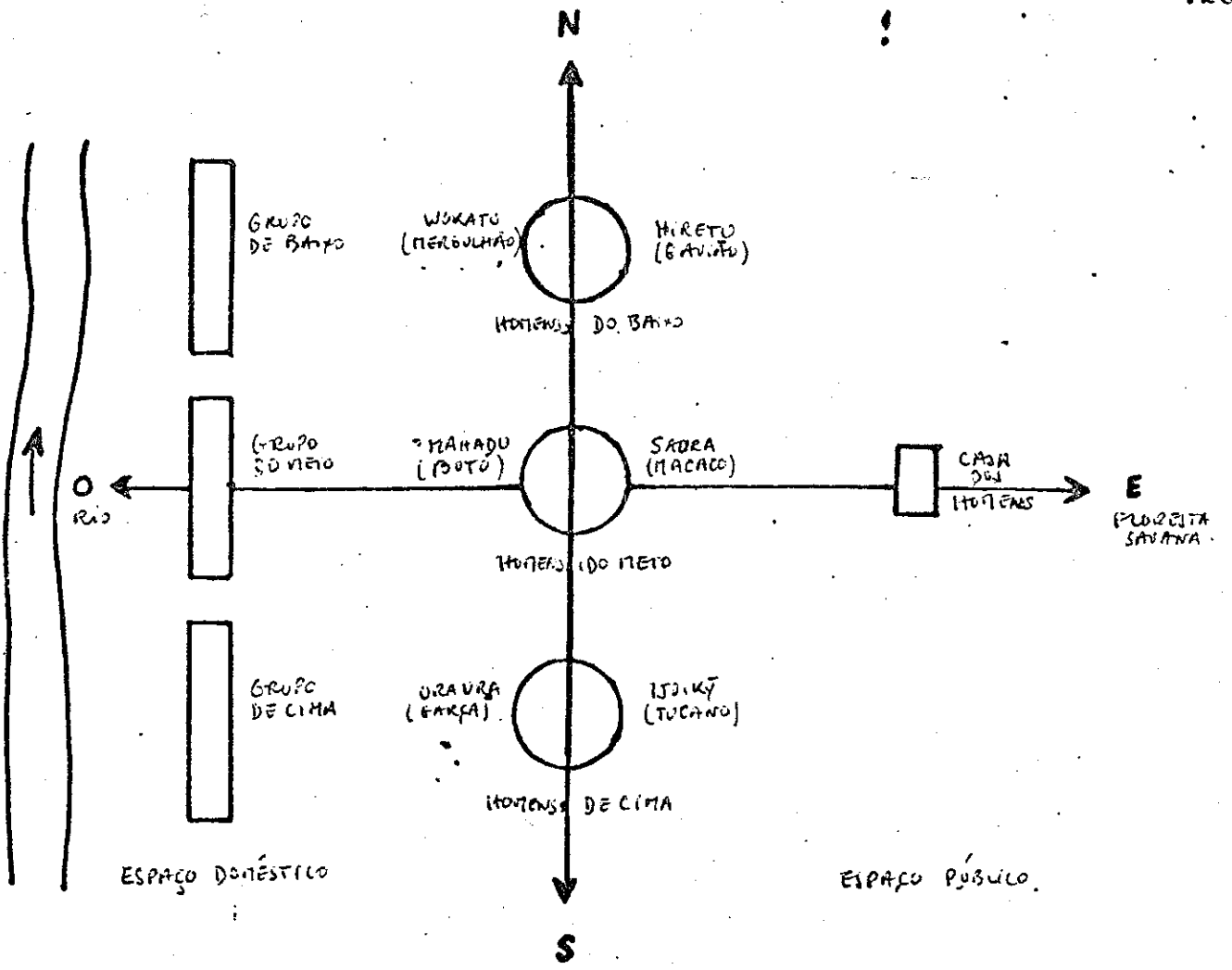


FIG. 3 - Esquema da estrutura social Karajá conforme dois eixos perpendiculares.